



Primeiro como tragédia, depois como farsa

José Renato Ferraz da Silveira*

ŽIŽEK, S.2011. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 130 p.

Resumo: A impactante obra de Slavoj Žižek intitulada de *Primeiro como tragédia, depois como farsa* é um livro breve, porém, representativo de seu coerente e sistemático pensamento político e filosófico. Žižek problematiza os tempos contemporâneos ligados às duas crises que atingiram o mundo: os ataques de 11 de setembro de 2001 e a crise financeira de 2008. Na concepção de Žižek, esses dois eventos descortinam o declínio e o fim do ciclo das promessas da democracia liberal e o ressurgimento de uma nova esquerda.

Palavras-chave: Tragédia; Farsa; Žižek.

First as tragedy, then as farce

Abstract: Slavoj Žižek's striking work entitled *First as Tragedy, then as Farce* is a brief but representative book of his coherent and systematic political and philosophical thinking. Žižek problematizes contemporary times linked to the two crises that hit the world: the attacks of September 11, 2001 and the financial crisis of 2008. In Žižek's view, the set two event sun veilor decline and end the cycle of the promises of liberal democracy and there surgence of a new left.

Keywords: Tragedy; Farce; Žižek.

O autor

Žižek é filósofo, sociólogo, teórico crítico e cientista social esloveno. Ele é conhecido por sua produção extensa no qual ele emprega Lacan numa nova leitura de cultura popular abordando temas como o cinema de Hitchcock e David Lynch, o leninismo e etc. Suas principais obras: “Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito” (2017); “Interrogando o real” (2017); “Violência” (2014).

* José Renato Ferraz da Silveira é professor Associado II da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Pesquisas em Teoria, Arte e Política. E-mail: jreferraz@hotmail.



A obra

Neste livro, em especial, “Primeiro como tragédia, depois como farsa”, ele emoldura as falhas morais que marcaram do que ele chama da desastrosa primeira década do século XXI. Como na frase famosa de Marx – que está no próprio título da presente obra - em “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, o sistema do capital morreu duas vezes, como tragédia no ataque às torres gêmeas de setembro de 2001 e como farsa no desenrolar da crise financeira de 2008. Na concepção do autor, o tempo da moralista democrático-liberal acabou. Diz Žižek que “o nosso lado não tem mais de ficar pedindo desculpas; e é bom que o outro lado comece logo a pedi-las” (2011, p. 20).

O livro está dividido em: Prefácio à edição brasileira (p.7-14); Introdução (p. 15-20); primeiro capítulo, intitulado “É a ideologia, estúpido” (p. 21-77); e o segundo capítulo, chamado de “A hipótese comunista” (p. 79-130).

Na introdução (p.15-20) intitulada As lições da primeira década, Žižek cita os dois eventos que marcaram o começo e o fim da primeira década do século XXI: os ataques de 11 de setembro de 2001 e a crise financeira de 2008. O autor considera que há uma semelhança de linguagem dos discursos do presidente Bush ao povo norte americano depois do 11 de setembro com aqueles proferidos depois do colapso financeiro. Em ambas, Bush evocou a ameaça ao estilo de vida norte-americano e a necessidade de tomar providências rápidas e decisivas para enfrentar o perigo. Em ambas, clamou pela suspensão parcial dos valores norte-americanos (garantia de liberdade individual, capitalismo de mercado) para salvar esses mesmos valores.

Žižek ironiza sobre os “felizes anos 90” após a queda do Muro de Berlim. Ele critica a utopia do “fim da história” de Francis Fukuyama, a crença de que a democracia liberal, em princípio vencera, de que o surgimento de uma comunidade liberal global estava logo na esquina e os obstáculos a esse final feliz hollywoodiano eram apenas empíricos e contingentes.

De acordo com Žižek, o 11 de setembro simbolizou o fim do período clintonista e anunciou uma época em que vimos novos muros surgir por toda parte: entre Israel e Cisjordânia, em torno da União Europeia, na fronteira entre Estados Unidos e México e até no interior de Estados Nações.

Por outro lado, Žižek diz que nesse momento atual presenciamos o surgimento de uma nova classe global. De diversas partes do mundo, esses membros da classe global “jantam privativamente, compram privativamente, veem obras de arte privativamente, tudo é privativo, privativo, privativo”. Žižek ironiza que eles – a classe global – lidam de dois tipos



com o mundo em geral: negócios e filantropia (proteger o meio ambiente, combater doenças, apoiar as artes e etc.). Na concepção de Žižek que a característica básica da atitude desses super trancafiados é o medo: medo da própria vida social externa. Portanto, a maior prioridade dos “indivíduos de altíssimo patrimônio líquido” é minimizar os riscos à sua segurança (doenças, exposição a crimes violentos).

O livro toma a crise de 2008 como ponto de partida e passa gradativamente para assuntos que se relacionam com o objetivo de revelar suas condições e consequências. Dividido em dois capítulos, o primeiro faz um diagnóstico e delinea o âmago utópico da ideologia capitalista que determinou tanto a própria crise quanto nossa percepção e reação a ela. O segundo capítulo busca localizar aspectos dessa situação que abrem espaço para novas formas de práxis comunista.

A obra finaliza com a desilusão do comunismo do século XX, mas Žižek alerta acerca da disposição de “começar do princípio” e reinventá-lo sobre novas bases. O sentimento de desilusão, agora, é superado pela esperança do sonho utópico. O comunismo deve ser novamente levado a sério